

Cantigas de lindô na comunidade remanescente de quilombola de Cocalinho: uma “pisada boa”

Lindô Songs in the remaining Quilombola Community of Cocalinho:
a “good step”

Jane Guimarães Sousa¹
Karylleila dos Santos Andrade²

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de um estudo das Cantigas de Lindô, elemento cultural da comunidade quilombola de Cocalinho, localizada no Município de Santa Fé do Araguaia, no Estado do Tocantins. O objetivo é estudar o léxico das Cantigas de Lindô dessa Comunidade a fim de desenvolver oficinas pedagógicas, baseadas na Teoria dos Campos Lexicais, para serem aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa. Como pressupostos metodológicos, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa sob o olhar etnográfico. Além disso, utilizamos a metodologia decolonial, fundamentada em Walsh (2009) e ancorada pela pesquisa-ação, sob as vertentes de Baldissera (2001), Thiollent (2008), Renald e Sánchez (2015), Fuchs (2019) e Batista (2020). Para as discussões acerca da Teoria dos Campos Lexicais, pautamo-nos em Geckeler (1976), Coseriu (1977) e Abbade (2009 e 2012). A pesquisa revelou que as Cantigas de Lindô possuem um alto valor semântico, além de apresentar, por meio das formações docentes e das oficinas pedagógicas, a riqueza do saber e da cultura da comunidade quilombola de Cocalinho.

Palavras-chave: cantigas de lindô; teoria dos campos lexicais; comunidade quilombola de Cocalinho; formação docente.

Abstract: This paper presents the results of *Lindô Songs*, a cultural element of the quilombola community of Cocalinho, located in the municipality of Santa Fé do Araguaia, in the State of Tocantins (Brazil). The objective is to study the lexicon of *Lindô Songs* of this Community in order to develop pedagogical workshops, based on the Lexical Fields Theory, to be applied in Portuguese Language classes. As methodological assumptions, we chose to conduct a qualitative research from the ethnographic perspective. In addition, we used the decolonial methodology, based on Walsh (2009), and anchored by an Action-research, by Baldissera (2001), Thiollent (2008), Renald and Sánchez (2015), Fuchs (2019), and Batista (2020). For discussions about the Lexical Field Theory, we were based on Geckeler (1976), Coseriu (1977), and Abbade (2009, 2011, 2012). Through the teaching formations and pedagogical workshops, the research revealed that *Lindô Songs* showed high semantic value, and richness of knowledge and culture of the quilombola community of Cocalinho.

Keywords: *lindô songs*; lexical field theory; quilombola community of Cocalinho; teacher's education.

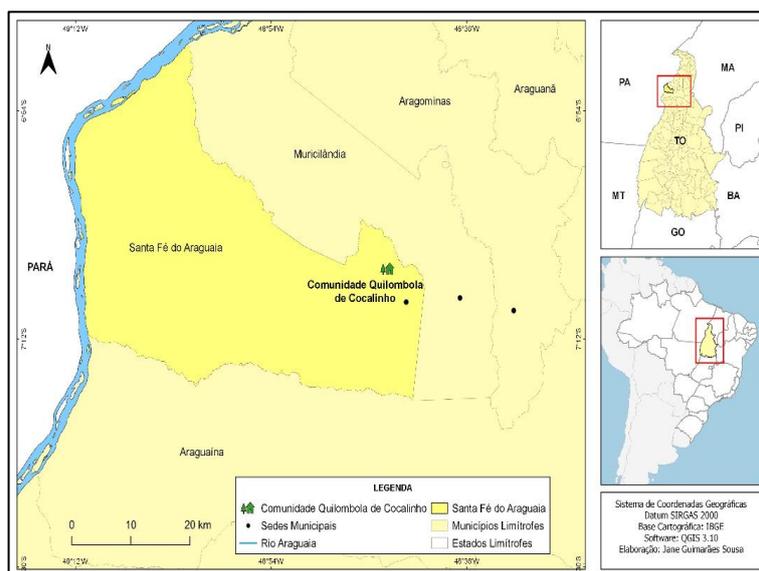
¹ Universidade Federal do Sul e do Sudeste do Pará, UNIFESPA, São Félix do Xingu, Pará, Brasil. Endereço eletrônico: jainegs@yahoo.com.br.

² Universidade Federal do Tocantins, UFT, Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras, Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins UFNT, Palmas, Tocantins, Brasil. Endereço eletrônico: karylleila@uft.edu.br.

Introdução: entre versos e passadas, canto e dança do lindô

Este artigo se propõe a estudar o léxico das cantigas de lindô da comunidade quilombola de Cocalinho, reconhecida pela Fundação Palmares, em 2006, localizada no Município de Santa Fé do Araguaia, estado do Tocantins, sob o viés da pesquisa qualitativa, pesquisa-ação, com uma abordagem etnográfica.

Figura 1- Município de Santa Fé e comunidade quilombola de Cocalinho



Fonte: Sousa (2021).

O lindô é composto por várias cantigas, constituídas de danças, cuja narrativa revela a vida no campo e a cultura de uma comunidade rural, composta de um vocabulário particular, regado por variações linguísticas, por meio de diálogos curtos. Ele foi levado a Cocalinho pelo antigo morador, conhecido como Sr. Zé Preto, como forma de apresentar e reafirmar a representatividade dos antepassados, considerado como herança cultural da comunidade. “As cantigas e dança de lindô constituem partes do patrimônio identitário e cultural do quilombo Cocalinho.” (RODRIGUES *et al.*, 2018, p. 21).

Segundo Maria Luiza, outra moradora da comunidade, o lindô é “uma dança cultural que faz as diversões dos quilombolas, ou seja, uma das maiores festas do quilombo.” Além de representar uma festividade, é brincadeira também. Para ela, é “uma tradição linda que faz todos os quilombolas brincarem e esquecerem os problemas e as lutas que enfrentam.”

Não há registro certo de sua origem, mas continua sendo repassado de geração em geração. Segundo relatos de Zé Preto,

Essa dança do lindô, isso é coisa de antiguidade, sabe, posso dizer porque... Quando eu me intindi, que eu era menino, já existia o lindô [...] intão, minha mãe brincava. Outras pessoas da idade dela também brincava, como dizia, já dançava o lindô. Eu peguei os passo. Eu, menino, já peguei os passo. Eu trouxe o lindô até aqui, mas é o seguinte, eu aprendi esse negócio, no tempo deu menino, viu? No tempo deu menino já existia o lindô, daquele outro povo mais veio, viu? era cultura, eles dizia que cultura dos escravo daquele tempo, viu? era quando os escravo saia ou brincava, era o lindô, era o pagode. (RELATOS DE ZÉ PRETO, 2013³).

Atualmente, o lindô configura um movimento de aquilombamento, pois está “associado ao processo de reconhecimento de uma identidade quilombola.” (OLIVEIRA, 2018, p. 232-233). Os versos tratam de atitudes cotidianas praticadas por comunidades tradicionais (SANTOS et al, 2018, p. 124). É constituído por uma dualidade com dança e canto, semelhante à dança de roda, mas com representação de pisadas e cantos que revelam traços da religiosidade, do cotidiano da vida rural, além da história de vida e de luta dos afro-brasileiros. Já as cantigas versam sobre temáticas relacionadas à vida cotidiana no campo e aos muitos elementos da natureza local (RODRIGUES *et al.*, 2018, p. 21). Conforme Resende de Assis (2017),

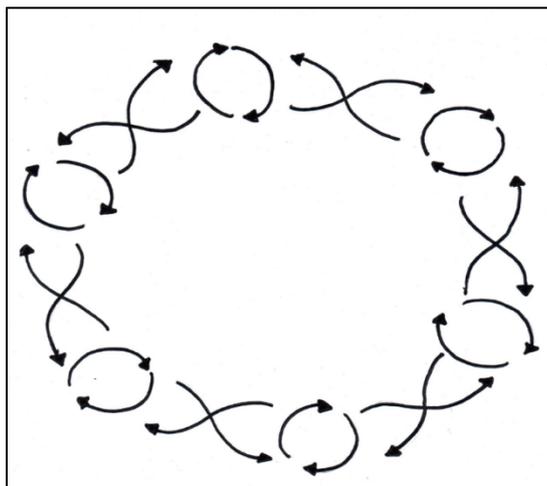
O fundamento do Lindô é a batida do pé no chão, e a dança em roda. O pé ritma o canto que conta com um puxador ou puxadora. Esta deve iniciar uma música ou trocar uma música por outra. Os cânticos são variados, transitam desde a jocosidade até os divinos, peças musicais do catolicismo popular (RESENDE DE ASSIS, 2017, p. 219)

Durante a dança, a linguagem corporal e os gestos contam muito. Isso porque existem algumas regras, como a forma de entrada e o posicionamento dos pares, e a mudança repentina de uma cantiga para outra acontece por meio do puxador. Além de possuir uma cantiga de entrada e saída, a dança possui uma organização bem estabelecida, sendo a da abertura e a do encerramento da dança. Ao iniciar, os homens e as mulheres entram enfileirados, com homens para um lado e mulheres para o outro.

O mestre inicia puxando as primeiras palavras do canto de abertura. Após, todos começam a cantar e, nesse momento, vão desfazendo a fileira de abertura. Os que permanecem na fileira vão batendo palmas; e os que saem iniciam as passadas e as pisadas, se organizando em uma roda, com troca de pares, como podemos ver na Figura 2.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0GQrKL4XPdI>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Figura 2 - Movimento da dança do lindô



Fonte: Desenho elaborado por Jéferson Guimarães Sousa (2021)

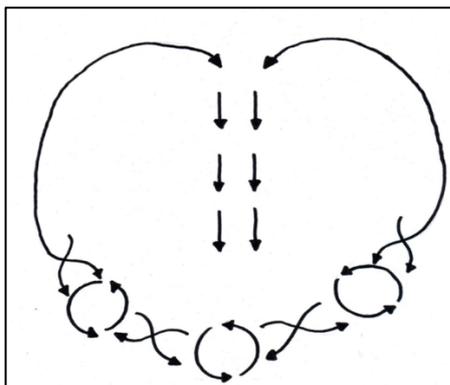
A Figura 2 revela o movimento da dança. Quando os pares se desfazem, um segue para uma direção horária; e o outro, para anti-horária. O movimento em círculo ilustra o momento em que os pares estão juntos e dão duas voltas com os braços entrelaçados, para, em seguida, saírem em busca de formar outro par.

Quando a dança chega ao fim, o mestre do canto indica o final por meio da cantiga *Viadinho corredor*:

*E é de noite, gente, e eu vou me embora já
Lá vem a barra do dia e o dia amanhece já
Ê côi, ê côi, viadinho corredor
Não tem bicho que me alcance na ladeira do amor.*

Os dançantes cantam e vão desfazendo a roda. Depois criam uma fileira com seus pares e dão uma volta pelo pátio. O canto vai ganhando mais força, as pisadas vão ganhando um som mais forte, e eles vão acenando para a plateia com um sinal de despedida (tchau). Depois desfazem os pares e fazem uma fileira com homens, e outra com mulheres. Eles ficam de frente um para o outro, começam a pisar bem forte e a cantar mais rápido e forte. Como um passo de quadrilha, se unem aos seus pares e saem. A Figura 3 mostra esse movimento.

Figura 3 - Movimento de encerramento da dança do lindô



Fonte: Desenho elaborado por Jéferson Guimarães Sousa (2021).

O desenho da figura 3 ilustra, por meio das setas, o movimento de cada integrante da dança, bem como a direção de cada um no momento final. O encerramento é representado por meio das setas retas, alinhadas no centro da imagem. Essa etapa descreve o momento em que os integrantes se separam de seus pares, ficando mulheres para um lado e homens para o outro.

Figura 4 - Etapas do encerramento da dança



Fonte: Sousa (2021).

Descrevemos apenas a abertura e o fechamento da dança de lindô, porque, após o momento inicial, os dançantes alternam as cantigas, mas permanecem na roda mudando de pares, seguindo o mesmo movimento. Apenas no início e no final da dança a coreografia é alterada. O lindô é dançado e cantado em qualquer lugar. Para Dona Neuma, moradora da comunidade, ele “é uma manifestação cultural, [...] que é dançada em toda festa da comunidade, e fora da comunidade.”

Além do Cocalinho, há registros do lindô em outras comunidades de diferentes estados brasileiros. A manifestação do lindô é transmitida através da história oral, sendo “passada de pais para filhos através da oralidade, incorporando os hábitos e as memórias do povo que lhe dá vida.” (LIMA FILHO *et al.*, 2011, p. 2). No Tocantins, várias comunidades quilombolas têm, em seus traços culturais, o lindô, como é o caso do quilombo Dona Juscelina, localizado no município de Muricilândia, estado do Tocantins. Essa manifestação cultural é evidenciada na festa do dia 13 de maio, quando a presidente de honra da Comunidade, Lucelina Gomes dos Santos, uma octogenária negra, popularmente conhecida como *Dona Juscelina*, [...] decidiu continuar a festejar o dia 13 de maio, como faziam os seus ancestrais no estado do Maranhão (SOUSA, 2016, [s./p.]).

O passo a passo dos procedimentos metodológicos

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, com aspectos metodológicos da pesquisa-ação, sob a perspectiva de Renald e Sánchez (2015), Batista (2020), Thiollent (1986) e Baldissera (2001). Ambas as investigações serão guiadas pelo pensamento decolonial de Walsh (2009) e Fuchs (2019).

Após a pesquisa bibliográfica, iniciamos a pesquisa de campo, guiada pelas bases da pesquisa qualitativa, em que o pesquisador analisa, interpreta e descreve os hábitos, as atitudes e o comportamento humano de forma detalhada (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 165-174).

Nosso caminhar investigativo busca dar visibilidade, voz e reforçar a identidade dos quilombolas de Cocalinho, em um espaço de aprendizagem que eleva, reforça, agrega, recebe e partilha muito conhecimento. Além disso, “se refere ao retorno sistemático dos saberes sobre as comunidades para as comunidades.” (RENALD; SÁNCHEZ, 2015, p. 4).

No que cerne à metodologia decolonial, Batista (2020, p. 2) afirma que “por sua vez, não negam ciência, mas perseguem outras formas de entendimento (e atuação) sobre o mundo que não sejam necessariamente ocidentais ou de aspecto impositivo.” São aspectos que visam

valorizar outras ciências e não somente a ocidental. O pensamento decolonial direciona a pesquisa, abre caminho para compreender melhor a cultura do outro e respeitar seus espaços durante a pesquisa. “Na perspectiva decolonial, a metodologia não antecede, mas se processa no ato da experiência.” (FUCHS, 2019, p. 12). Isso porque ela norteia o trabalho direto com o outro, com as comunidades, com suas histórias/lendas/mitos e rituais e seus diálogos espontâneos também.

Esta pesquisa se enquadra enquanto agente norteador para a contribuição que afirma um movimento de aquilombamento, segundo Fuchs (2019).

A opção por essa metodologia e por esses referenciais está relacionado com a busca por uma investigação decolonial. [...] Os caminhos decoloniais surgem de movimentos realizados por diferentes sujeitos históricos vinculados a grupos investigativos e de organização social. (FUCHS, 2019, p. 24)

Pensamos em partilhar o conhecimento de forma prática/teórica sem desconsiderar os saberes da comunidade e fazeres existentes, mas aperfeiçoando os que já existiam em sala de aula. Esse partilhar levou em consideração a voz, o conhecimento, o planejamento, a cultura e o tempo da professora de LP, bem como o saber cultural e linguístico dos alunos.

Olhar etnográfico para o lindô: uma “pisada boa” em Cocalinho

Para desenvolver um trabalho com uma abordagem etnográfica, é necessário se apropriar das teorias que fundamentam o fazer etnográfico. O pesquisador, ao não optar pela pesquisa etnográfica em sua essência, abre mão dos detalhes que a etnografia permite. Entretanto, ao escolher esse viés, se permite entrar em contato direto com os sujeitos da pesquisa, dialogar de forma aberta e observar os sujeitos para compreender seus modos de vida.

A pesquisa que remete à perspectiva etnográfica, e não à etnografia puramente falando, se diferencia pela intensidade, temporalidade e entrega no momento da pesquisa. O etnógrafo deve estar atento aos detalhes para realizar o processo de descrição e tradução da realidade vivida em campo e com os sujeitos da pesquisa.

Outro ponto importante no fazer etnográfico, mesmo não sendo de forma holística, é o registro no diário de campo. Por meio desse instrumento de trabalho e coleta de impressões, as etapas vivenciadas são convertidas em palavras que descrevem momentos importantes por meio de impressões do pesquisador.

No que tange à coleta de dados por meio de entrevistas, vale destacar que ela se deu por meio de conversas abertas, diálogos que, em sua maioria não foram gravados, mas foram registrados no diário de campo, para que a naturalidade do processo de aproximação e o vínculo entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa fossem levados em consideração.

As visitas à escola da comunidade iniciaram em fevereiro de 2016 para o conhecimento do campo de pesquisa e dos sujeitos. As oficinas com os alunos e a professora regente só tiveram início em fevereiro de 2019. Todos os alunos presentes participaram das atividades, além de cantarem e entoarem o lindô em sala de aula.

No que diz respeito aos professores da comunidade, é necessário informar que a maior parte se autodeclara quilombola, sendo oito quilombolas e apenas dois não quilombolas. Um dado interessante que vai além de questões estatísticas, pois abarca em si a luta pela visibilidade, não silenciamento, conhecimentos tradicionais, igualdade e inclusão de sujeitos que tiveram seus direitos velados pela cor.

Os sujeitos da pesquisa, tanto os alunos quanto a professora de LP, eram cantores e conhecedores das cantigas de lindô, o que facilitou as atividades propostas e o desenvolvimento das ações. A turma era composta por alunos com idades variadas, entre 12 e 17 anos.

A coleta de dados da pesquisa ocorreu tanto na escola quanto na comunidade. A escola estudada é denominada Escola Municipal Emanuel e é a única na Comunidade de Cocalinho. Sobre o significado do nome Emanuel, tivemos a informação de que esse nome que consta na Câmara de Araguaína é apenas o da pessoa que nomeou a escola, o Sr. João Francisco de Sousa, já falecido. Diante disso, não há evidências acerca da história do topônimo da escola.

Para as oficinas, foi entregue aos alunos um caderno de registro de atividades por grupo. Esse caderno foi considerado como a fonte principal para a apresentação e o desenvolvimento da análise desta pesquisa. As atividades registradas no caderno continham temas diferentes, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Proposta de atividade apresentada no caderno de registro

TEMA DAS CANTIGAS	NOME	GÊNERO DISCURSIVO
1. Pau Pereira 2. Papagai amarelo 3. Viadim da meia noite 4. Vo nu gai	GRUPO A	CANTIGAS DE LINDÔ
5. Casa de palha 6. Pisada boa	GRUPO B	CANTIGAS DE LINDÔ

7. Maria Vermelha 8. Nega Malvada		
9. Dina 10. Cajuêro abalou	GRUPO C	CANTIGAS DE LINDÔ
11. Na rua da gamela 12. Camim do sertão 13. Piabinha da lagoa 14. O peba cavou	GRUPO D	CANTIGAS DE LINDÔ
15. Nego nagô 16. Somos brasileiros, somos quilombolas	GRUPO E	CANTIGAS DE LINDÔ

Fonte: Sousa (2021)

O caderno de registro de atividades é considerado como parte integrante do *corpus* desta pesquisa, pois a partir dele as cantigas foram extraídas para posterior descrição e análise. A escolha das cantigas ficou sob a responsabilidade dos grupos. Das 16 cantigas apresentadas, foram selecionadas 14 para a análise lexical.

Para o planejamento das aulas, a professora regente apresentou o conteúdo do bimestre. Partindo dessa definição, traçamos uma proposta de sequência didática para o ensino do gênero entrevista. É necessário informar que o estudo do gênero não se configurava como uma temática a ser trabalhada, mas tivemos que nos readequar à realidade da professora que precisava cumprir os conteúdos de Língua Portuguesa (doravante LP) para o bimestre.

Interessante ressaltar que o estudo do gênero entrevista contribuiu de forma significativa para o estudo do gênero cantiga e, conseqüentemente, para o da teoria dos campos lexicais. Todo o planejamento seguiu o conteúdo programático da professora regente. Esse foi o maior desafio, pois o lindô precisava se encaixar nos conteúdos da escola para que pudéssemos partir para as atividades que contemplassem a teoria.

Formação de professores e a teoria dos campos lexicais

A hipótese inicial do trabalho era a de que questões étnico-culturais na escola de Cocalinho, como as cantigas de lindô, eram trabalhadas como conteúdos nas aulas de LP. Porém, notou-se, após as visitas de campo e as reuniões com a professora, que as cantigas eram usadas em apresentações escolares apenas de forma folclorizadas. Diante disso, decidiu-se, juntamente com a professora, criar estratégias de ensino com as cantigas lindô, por meio de formação continuada, como forma de manter viva a cultura, além de reafirmar a identidade quilombola.

A partir de então, as cantigas foram levadas para a sala de aula como objeto de estudo de LP, como texto que possui gênero e sentido. Essa forma de apresentar o lindô

despertou tanto nos alunos quanto na professora um maior interesse pelo passado e pela história do seu povo, que vai muito além da comunidade de Cocalinho.

Quanto à formação de professores, os PCN (1998) afirmam que

[...] a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam em espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para a transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na linguística e na educação em geral. (BRASIL, 1998, p. 67)

Assim, propostas de oficinas pedagógicas, ou melhor, de formação continuada surgem para contribuir e ampliar a visão do professor em sua prática docente. Tais abordagens são frequentemente alvo de debates, pois questões sobre formação do professor têm sido bastante discutidas, nos últimos tempos, tanto no contexto acadêmico quanto no sociopolítico.

Como subsídios teóricos e metodológicos para trabalhar as cantigas de lindô na escola da comunidade, selecionamos a teoria dos campos lexicais por entender que o léxico e a cultura são determinantes na constituição do sujeito. Se partirmos para o ensino, é relevante afirmar que se o(a) professor(a) fizer um levantamento léxico-cultural, com o intuito de realizar o mapeamento da realidade sócio-linguístico-cultural da comunidade escolar, será possível ter um reflexo da realidade existente nesse contexto social.

A teoria dos campos lexicais propõe uma estruturação das lexias a partir de uma organização hierárquica, lógica e coerente, defendida por teóricos como Geckeler (1976), Ulmann (1964) e principalmente Eugenio Coseriu (1977).

Abbade (2009, p. 89) afirma que “a noção de *campo* nos estudos linguísticos trouxe uma grande revolução nos estudos da Semântica Moderna”. Destaca ainda que, “ao abordar o sentido de uma articulação hierárquica para as palavras, Trier, citado por Geckeler (1976, p. 119), utiliza o termo *macrocampo*, também utilizado na teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu (1977).

Essa lógica de pensar a teoria dos campos, sob a perspectiva da linguagem, vai ao encontro da hipótese de Sapir-Whorf, pois “a ligação estreita entre esta tendência e a teoria dos campos seria, portanto, particularmente valiosa, uma vez que é na semântica que algumas das afirmações de Whorf poderiam ser mais facilmente postas em prova.” (ULMANN, 1964, p. 525). Essa teoria pode ser considerada como uma rede ou conjunto de palavras, teia ou rede de associações, ou até mesmo dependência entre lexias. Mas, mesmo apresentando definições

com termos diferentes, a unidade de sentido que remete a essa teoria é uma só: um “conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum.” (COSERIU, 1977, p. 135).

As cantigas de lindô e a teoria dos campos lexicais: atividades para a disciplina de língua portuguesa

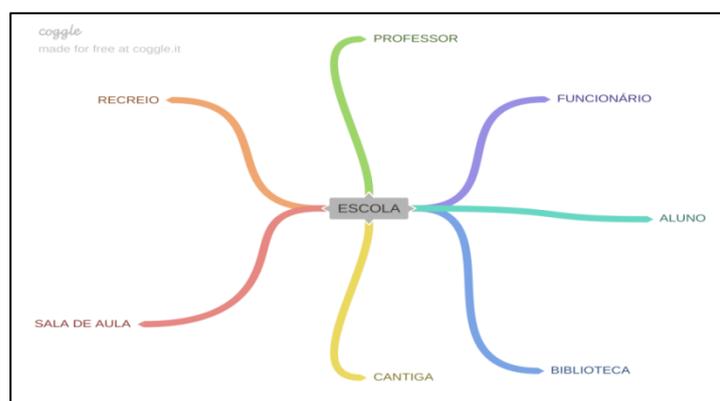
Nas oficinas sobre o campo lexical, partimos de conceitos simples, afirmando que os campos lexicais compõem o conjunto de palavras de uma língua que se relacionam, como por exemplo: casa – telha, parede, sala. Para essa definição, nos fundamentamos em conceitos teóricos mais complexos, como os de Abbade (2012) e Coseriu (1977).

O conceito de campos lexicais para Abbade (2012) representa

[...] uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articulada entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais, elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. (ABBADE, 2012, p. 151)

Como as cantigas são caracterizadas por diferentes macrocampos que remetem principalmente à vida no campo, optamos por relacionar os campos lexicais mais familiares para os alunos, como: fauna, flora, pessoas e partes do corpo. Antes de partirmos para a atividade dos campos lexicais com as cantigas, optamos por apresentar, primeiramente, um mapa conceitual, com palavras no centro, conectando com outras palavras, de forma didática, para que os alunos compreendessem a conexão entre os saberes a partir de vários macrocampos, conforme a Figura 5, a seguir:

Figura 5 - Mapa mental - Campo lexical Escola



Fonte: Disponível em: <https://coggle.it/>

Após a apresentação da imagem, informamos aos alunos que um campo lexical pode estabelecer diferentes relações, sendo da mesma família de palavras ou não, e pode apresentar relações de cunho semântico, dentre outros, conforme Gonçalves (2005):

[...] os campos léxicos seriam, em uma relação matemática, subconjuntos de um grande conjunto denominado rede semântica. Cada campo léxico estabelece uma relação que pode manter uma outra relação com os demais. Relação essa que pode ser de contiguidade, similaridade, antonímica, sinonímica, ou seja, de natureza sintagmática e paradigmática. (GONÇALVES, 2005, p. 50)

Ao apresentar o conceito de campos lexicais aos alunos, informamos que a atividade proposta seria a de analisar e classificar alguns dos campos existentes nas cantigas de lindô. Para isso, separamos a turma em grupos e dividimos as cantigas para que cada integrante do grupo pudesse fazer a análise das lexias que representassem cada campo léxico.

Para essa atividade, elencamos como macrocampos as seguintes lexias: animais, comida, pessoas, ação, cantiga, casa e partes do corpo. Em seguida, os alunos separavam as lexias e as correlacionavam com os macrocampos lexicais pertencentes. Cabe destacar que fomos participantes do processo e não centralizadores dele, atendendo ao pedido da professora regente. Nosso papel era o de apresentar os aspectos introdutórios dos trabalhos e os direcionamentos da aula. As contribuições relacionadas à cultura e à escrita das cantigas (no momento da correção) partiram da professora regente, além de conhecer a cultura da comunidade, ela também canta o lindô. O Quadro 2 apresenta o nome das cantigas que foram divididas em grupos.

Quadro 2 - Nome das Cantigas

GRUPOS	NOME DAS CANTIGAS
Grupo A	<ul style="list-style-type: none">• Pau Pereira• Papagai amarelo• Viadim da meia noite• Eu vou Nu gáí
Grupo B	<ul style="list-style-type: none">• Casa de palha• Pisada boa• Maria Vermelha• Nega Malvada
Grupo C	<ul style="list-style-type: none">• Dina• Cajueiro abalou
Grupo D	<ul style="list-style-type: none">• Na rua da gamela• Camim do sertão• Piabinha da lagoa• O peba cavou

Grupo E	<ul style="list-style-type: none">• Nego Nagô• Somos brasileiros, somos quilombolas
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Sousa (2021).

O primeiro campo lexical apresentado foi o de animais, presente na grande maioria das cantigas. A forma como os animais são apresentados perpassa pelo sentido denotativo. Contudo, notamos que a frequência desse campo-léxico evidencia a vida da comunidade em âmbito rural.

O estudo do léxico das cantigas de lindô revelou que as palavras apresentadas possuíam duplos ou mais sentidos no texto e que, muitas vezes, uma palavra isolada não fechava o sentido completo das cantigas. Os alunos tiveram que pensar em muitas situações para concluir o sentido do léxico apresentado, sempre com a orientação da professora, que tem mais conhecimento da história da comunidade e dos antepassados.

Os alunos notaram que as letras das cantigas refletiam a vida no campo, apresentando elementos do cotidiano com destaque para elementos da fauna e da flora. Durante as atividades, a professora regente cantava em um ritmo mais lento e com a intensidade média para que todas as crianças pudessem ouvir e perceber que algumas partes das cantigas, registradas por eles no diário de campo, estavam grafadas de forma diferente. Isso aconteceu porque muitos alunos escreveram as cantigas com outros sentidos, ou seja, com outras palavras. Com isso, a correção da letra acontecia de forma cuidadosa, cantada, pausada, e depois pronunciada para que todos compreendessem que a mudança de uma palavra poderia mudar o sentido. Muitos alunos ficaram surpresos com a letra considerada *verdadeira*, pois eles informaram que sempre cantavam daquele jeito, como eles as compreendiam e as interpretavam.

Achamos cuidadosa a forma como a professora abordou os desvios da norma identificados nas cantigas, reforçando de forma prática a existência da variação linguística. O tema da aula não contemplava o ensino das variações, mas os alunos já tinham trabalhado esse conteúdo no bimestre anterior. A professora reforçou que aqueles *erros* (sob a perspectiva da gramática normativa) faziam parte das variações linguísticas existentes. Ela afirmou também que a linguagem das cantigas representava muito a linguagem de *antigamente*, de seus ancestrais.

Esse exercício de manter a escrita de acordo com a oralidade, sem alterar a letra da cantiga, ou seja, respeitando seus desvios, está em conformidade com uma das habilidades apresentadas na BNCC, que aponta que esse tipo de atividade faz com que os alunos reflitam

acerca dos diferentes contextos e situações sociais, além de possibilitar o conhecimento sobre as tradições orais e seus gêneros, como é o caso do gênero *cantiga de lindô*.

A BNCC contempla, em seu documento, o eixo da oralidade, que compreende as práticas de linguagem que ocorrem em diversas situações orais, dentre elas: a apresentação de cantigas e canções. Esse documento envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas, interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.

Para o ensino do gênero *cantiga de lindô*, foi considerada a sua estrutura, os contextos, as situações sociais e os sentidos. Além disso, contemplou-se também a variação linguística, considerando a importância de saber a respeito das diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. As variações encontradas no lindô refletem muitas situações, a saber: a história e a vida no campo. Sobre a atividade realizada com os alunos, apresentamos uma amostra do trabalho:

Quadro 3 - Atividade relacionada aos campos lexicais

CANTIGAS	MACRO-CAMPOS	MICROCAMPOS E LEXIAS
Somos brasileiro e ô somos quilombola E o que passou, meu Brasil seu povo chora Seu povo chama minha terra não quer o que vou fazer agora seu Sustento para família pra São Paulo vou embora Somos brasileiro, ê ô Somos quilombolas E o que passa meu Brasil seu povo chora	Pessoa Lugar	Pessoa: Paulo, brasileiro quilombola, família, povo Lugar: Brasil, São Paulo
E é de noite, gente eu vou embora já Lá vem a barra do dia E o dia manhece já ê cô, ê cô viadinho carredor não tem bicho que me alcance na ladera do amor	Pessoa Animal Lugar	Pessoa: gente. Animal: viadinho, bicho Lugar: ladera do amor

Fonte: Adaptado de Abbade (2009).

O primeiro grupo teve a tarefa de analisar três cantigas, tendo em vista os campos léxicos apresentados na atividade. Durante a correção dessa atividade, algumas perguntas foram realizadas aos alunos para que eles pudessem analisar as palavras de forma integrada ao sentido do texto e não de forma isolada.

Antes de responderem às perguntas, projetamos as cantigas escritas pelo grupo em um *datashow*. Após a correção, os alunos notaram que muitos trechos estavam incorretos, de acordo com a ortografia vigente e que fugiam do sentido real das cantigas. Após essa correção coletiva, iniciou-se a análise das cantigas. E para guiar essa interpretação, algumas perguntas

foram realizadas para que os alunos pudessem refletir as letras do lindô. Sobre as perguntas, vejamos o exemplo de algumas que foram usadas:

Quem fala no texto? Quem é Pau Pereira?

Quem é o Papagai Amarelo? Por que ele estava na serra batendo palma? Quem são mané e Jurema da Serra?

Por que viadinho da meia noite?

O que significa cadeira da morena?

Qual o significado da frase “eu vou no galho por deixo da raiz”?

Vocês conseguem identificar um diálogo nas cantigas?

Quem é Maria Vermelha? Porque ela matou o gavião?

Pisada boa significa o quê?

A partir dessa primeira análise, os alunos perceberam que havia um diálogo entre duas ou mais pessoas, que relatavam situações do cotidiano na zona rural, com situações que englobam termos que remetem a pessoas que vivem no campo e que fazem o uso da variação linguística coloquial e popular. Após a análise, avaliamos os macrocampos e os microcampos apresentados e notamos que os alunos poderiam ter avançado no sentido de procurar mais lexias que se relacionassem com os macrocampos disponíveis. Devido ao cronograma das aulas e à pandemia, a finalização do trabalho ficou prejudicada.

Os alunos fizeram a descrição das cantigas e, em seguida, relacionaram as lexias existentes aos campos lexicais propostos. A correção dessa atividade foi realizada em sala, juntamente com a análise das cantigas. É importante ressaltar que a descrição das cantigas contempla a primeira atividade realizada pelos alunos, e não sua correção. Quanto aos campos lexicais apresentados, após a realização das atividades, percebemos que poderíamos ter permitido aos alunos sugerirem outros campos de forma livre. Com isso, eles não ficariam tão presos em identificar as lexias dispostas no texto, mas teriam de pensar, de forma mais ampla, de qual campo as lexias fariam parte.

Para a análise de algumas cantigas, era necessário o conhecimento de variedades linguísticas, como em *cadeira*, que se refere à parte do corpo (o quadril), e não ao assento. Partindo disso, nota-se que as cantigas de lindô devem ser examinadas “sob o ponto de vista lexicático, buscando-se os significados lexicais no sistema linguístico podendo esses significados ser unitários ou plurais.” (ABBADÉ, 2009, p. 48).

Há de se considerar que os grupos poderiam ter avançado na apresentação dos microcampos referentes aos macrocampos lexicais, mas também não questionamos o porquê de muitos não terem respondido às questões. Notamos também que seria uma boa estratégia implementar a busca dos termos selecionados nos dicionários para pesquisar seus significados.

A atividade de interpretação das cantigas foi importante para o conhecimento do léxico disposto. Um ponto que merece destaque é o da correção, pois muitos alunos afirmaram que não imaginavam que a cantiga tinha a letra apresentada. Ademais, eles destacaram que, a partir daquela atividade, eles cantariam o lindô compreendendo a letra, pois a atividade proposta possibilitou refletir sobre o que acontecia na cantiga.

Considerações Finais

A pesquisa na Comunidade Quilombola de Cocalinho permitiu um olhar para a cultura da comunidade e da escola. Foi um trabalho conjunto, regado de ação-investigação participante, sob o olhar da etnografia. As pessoas, os cantos, a dança, as narrativas, a cultura, o ser quilombola e o estar em comunidade nos possibilitaram um olhar para dentro de um território com diversidade cultural, por meio dos cantos que reforçam a identidade afro-brasileira.

Sobre o trabalho com o lindô, pudemos observar não somente o texto, o gênero, o discurso, mas também nos debruçamos sobre a dança, o canto, o que é ser lindô sob o olhar da comunidade, da realidade, da cultura e da herança.

Um dos problemas levantados no início da pesquisa foi o de verificar como se dava o processo de ensino de LP, mediante as práticas culturais do quilombo Cocalinho. Durante a pesquisa, notamos que tais práticas chegavam até à escola, mas não nas disciplinas de LP, em sua grande maioria, como forma de apresentação de dança e, por vezes, como atividade de campo, ou seja, quando os professores dos componentes curriculares *Saberes e Fazeres e Arte e Cultura Quilombola* solicitavam aos alunos que entrevistassem alguns conhecedores da história e cultura da comunidade, com o intuito de levar o conhecimento da tradição afro-brasileira e de Cocalinho para a sala de aula.

Com isso, percebemos que nosso papel não era o de levar algo totalmente novo, mas de melhorar, adaptar e dar mais opções e condições para auxiliar a prática pedagógica existente na escola da comunidade. Todo o trabalho realizado na escola ocorreu de duas formas: uma com a docente (formação docente) e outra com os alunos, por meio de oficinas pedagógicas de LP).

A pesquisa impactou, de forma positiva, o ensino e a cultura, através da apresentação da cantiga de lindô como elemento de análise lexical, sob a perspectiva da Teoria dos Campos Lexicais, dentro da sala de aula, possibilitando aos sujeitos da pesquisa (professora de LP e alunos) participarem de forma ativa, com seus conhecimentos culturais e linguísticos.

Referências

ABBADE, C. M. de S. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da infanta D. Maria**. Salvador: Quarteto, 2009.

ABBADE, C. M. de S. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos camposlexicais. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 6, p. 141-161, 2012.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, agosto 2001.

BATISTA, D. M. L. Princípios de Metodologias Decoloniais em Letras e Linguística. I Sielli, Xix Encontro De Letras – **Língua Literatura E Ensino Em Tempos De Resignificação**, Goiás, 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1977.

FUCHS, H. L. **A formação docente a partir de currículos decoloniais [manuscrito]: análise de experiências instituintes em cursos de Pedagogia na Abya Yala**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

GECKELER, H. **Semántica estructural y teoría do campo léxico**. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

GONÇALVES, S. de C. P. **Ensino do vocabulário e a teoria dos campos léxicos**. Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Brasil, 2005.

LIMA FILHO, J. O.; CARDOSO, L. C. M.; PACHECO, L. M. **Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do leste para o sul do Maranhão**. In: Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Maceió, AL, 15 a 17 de junho 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, G. A. de. **Pegos a laço: identidade, deslocamento e luta pela terra no quilombo de Cocalim**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

RODRIGUES, W.; SOUSA, J. G.; ANDRADE, K. dos S. Saberes Tradicionais Quilombolas na Escola: o uso do Lindô nas aulas de Português. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 6, n. 2, p. 167-176, jul./dez. 2018.

RENALD, D.; SÁNCHEZ, C. Lembranças e histórias de um Vale Encantado: a Educação Ambiental Popular através da Metodologia Investigação Ação Participante (IAP). Na Proteção de Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha. **VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, Rio de Janeiro, 19 a 22 de julho de 2015.

RESENDE DE ASSIS, L. G. Da Romaria Negra Popular às Comunidades Quilombolas do Norte do Tocantins. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 1, n.4, p. 203-233, jan./jun. 2017.

SANTOS, K da S. S.; SILVA, E. da; SILVA, L. H. O. da. Expressões Culturais dos Quilombolas da Comunidade Dona Juscelina em Muricilândia-TO. **XIX Conferência Brasileira De Folkcomunicação** Universidade Federal Do Amazonas - Ufam Parintins (Am), de 25 a 27 de junho de 2018.

SOUSA, R. R. de. Etnografia e história oral: evidências de uma comunidade remanescente de quilombo. In: **XIII Encontro Nacional De História Oral**, 2016, Porto Alegre-Rs, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462156433_ARQUIVO_ETNOGRAFIAEHISTORIAORAL-TEXTOCOMPLETO.pdf. Acesso em: 5 out. 2020.

SOUSA, J. G. **Da teoria dos campos lexicais às cantigas de lindô: “uma pisada boa” na sala de aula**. 2021, 150p. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) - PPGLLIT, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, TO, 2021.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

ULMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osorio Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

Sobre as autores

Jane Guimarães de Sousa (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3688-0439>)

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (2009), mestrado em Ensino de Língua e Literatura PPGL pela Universidade Federal do Tocantins UFT (2013) e doutorado em Linguística e Literatura PPGLLIT pela Universidade Federal do Tocantins UFNT (2021). É professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), atuando no curso de Letras do Instituto de Estudos do Xingu/IEIX. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Ensino do Léxico, atuando nos seguintes temas: educação escolar indígena e educação indígena, educação escolar quilombola e educação quilombola, oralidade e escrita, e material didático.

Karylleila dos Santos Andrade 2 (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0001-6920-9206>)

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (1993), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é bolsista de produtividade em pesquisa pq2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e professora associada IV da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área da Antropologia Linguística e Linguística, com ênfase em Etnotoponímia, atuando principalmente nos seguintes temas: léxico, toponímia, interdisciplinaridade, ensino e educação.

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.